

RELATO DE EXPERIÊNCIA*

FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: O indígena imaginado por Marc Ferrez

Jonathas Trindade da Silva¹

Resumo

Com a finalidade de colaborar com a ampliação da reflexão sobre a importância do advento da fotografia em estudos históricos contemporâneos, especificamente dos povos indígenas brasileiros do século XIX, esta pesquisa analisa os vários processos de montagem dos sujeitos fotografados por Marc Ferrez. Este importante fotógrafo oitocentista nos revela uma série de fotografias de povos indígenas em suas variadas encenações em estúdio. Seguindo uma ampla discussão de perspectivas em razão de narrativas, identidades, raça e apagamentos, vistos na composição das imagens da época, tivemos como resultados diante o aprofundamento crítico do olhar para a imagem, a decodificação simbólica e histórica das fotografias, como se comportam enquanto realidade e ficção, elementos importantes para novos estudos sociais, educacionais e históricos.

Palavras-chave: Fotografia. Indígena. Educação.

Introdução

O presente texto é continuidade de uma pesquisa e estudo das fontes históricas imagéticas dos povos originários brasileiros que utiliza duas fotografias tiradas em estúdio da segunda metade do século XIX (“Índios Bororo” de 1880 e “Menino índio” de 1896), de autoria do fotógrafo brasileiro Marc Ferrez (1843-1922).

Com o objetivo de discutir e propor a reflexão da importância da fotografia como recurso didático, a utilização da imagem/fotografia no processo de ensino aprendizagem pode apresentar diferentes perspectivas causadas pela experiência da interpretação. Contudo, no âmbito da representação da figura do indígena em fotografias do século XIX, a interpretação destas imagens do passado demanda um certo cuidado, seja pela questão do anacronismo ou da formulação de discursos ideológicos.

O autor das fotografias é Marc Ferrez, que foi um dos mais importantes fotógrafos do

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), Uberlândia-MG; E-mail: jonathastrindades@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4909969494296897>.

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 4ª ED. REALIZADO 10 DE FEVEREIRO A 13 DE ABRIL DE 2024.

século XIX e viveu durante a passagem do Brasil Império (1822-1889) para a República (1889-1930). Tal consideração é importante para entender e repensar a lógica da construção da imagem do indígena no processo histórico. Por meio do método e da criticidade da interpretação sobre realidade e ficção, o receptor (aquele que observa) pode entender o contexto histórico do sujeito fotografado, além de vislumbrar novos horizontes interpretativos e infinitas possibilidades de estudos de tratamento da imagem, colaborando na educação do olhar para o outro. Um ponto importante é que, durante a experiência do olhar para as fotografias do passado, é possível assimilar e buscar símbolos da violência e da desumanização do nativo como exótico, para atender as *Exposições Universais*² do século XIX.

Ao vislumbrarmos a primeira fotografia intitulada “Índios Bororo” de 1880 de Ferrez (ver figura 1), o fotógrafo articulou a representação do povo indígena Bororo em estúdio numa foto pousada. Na imagem, é possível identificar elementos de uma prévia montagem (cenário, iluminação, adornos, roupa e cortina) que compõem o corpo da imagem. Os sujeitos fotografados estão nus, observam a lente da câmera em atenção e não por acaso, tudo isso representa “conjuntos importantes para a formação e alimentação imagética sobre a construção inicial de um olhar sobre o índio brasileiro como ‘selvagem’” (Tacca, 2011, p. 192).

Figura 1 – Índios Bororo

² Exposições Universais ou Feiras Universais eram eventos realizados em todo o mundo no século XIX, onde eram exibidos produtos manufaturados, elementos de turismo, comércio de especiarias, exposições de fotografias e espetáculos. Para mais informações, ver a obra *Exposições universais: Espetáculos da modernidade do século XIX 1997* de Sandra Jatahy Pesavento.



Fonte: Ferrez (1880).

Por outro lado, o *retrato* tirado em estúdio de uma criança indígena sem identificação de sua etnia no ano de 1896 por Ferrez (ver figura 2), mostra uma outra faceta imagética e simbólica. Segundo Mauad, “a imagem produzida em estúdio reificava os estereótipos sociais, educando o olhar para ver da maneira que deve ser visto.” (Mauad, 2005, p. 68).

Figura 2 – Menino índio



Fonte: Ferrez (1896).

A educação do olhar e a utilização das fotografias de Ferrez em estudos sobre a representação indígena no século XIX é importante. A apropriação, a prática, os sentidos e as habilidades cognitivas decorrentes desses recursos imagéticos tendem a fortalecer, no corpo docente e nos alunos, o lugar de memória desses povos. Neste sentido, a reflexão crítica das fotografias da população indígena dos séculos passados no Brasil tem o papel de ressignificar a identidade desta comunidade, fomentando mais visibilidade na promoção de políticas indigenistas, como é o caso das Leis nº 6.001/1973³ e nº 9.394/1996⁴, que asseguram o direito da cultura, da língua e educação.

³ BRASIL. Lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm. Acesso em: 27 de agosto de 2024.

⁴ BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 de agosto de 2016.

Objetivo

Ao problematizar as fotografias dos povos originários por Marc Ferrez pretendemos refletir sobre a importância das fontes imagéticas para a construção do saber na aula de História e como as imagens comportam-se enquanto documentos históricos.

Através das técnicas de análise da imagem é possível desenvolver modelos metodológicos de compreensão de suas variadas linguagens artísticas e expressões. Neste sentido, a assimilação da figura do indígena oitocentista nas fotografias dentro da reflexão epistemológica acerca do contexto histórico da época traz em si instrumentos do que é realidade e ficção, principalmente pelo fator da busca de elementos da montagem, composição e construção da imagem. Tudo isso é capaz de estimular o observador para que desenvolva uma consciência histórica causada pela experiência do olhar para o passado.

Método

Como metodologia será empregada a análise da imagem de Ana Maria Mauad (2005), que utiliza as *fichas técnicas* para o trabalho da interpretação, sendo algumas delas: conteúdo, forma de expressão e temas. Para outro ponto de vista e de maneira comparativa, houve a necessidade de utilizar como método a leitura da imagem fotográfica por Boris Kossoy (2001), dado que, na dimensão metodológica deste autor, foram apresentados os recursos da representação: processo de criação/construção, registro expressivo e documento.

Para localização das fotografias citadas, foram examinados acervos digitais como o (IMS) Instituto Moreira Salles, Brasileira Fotográfica e Itaú Cultural, em razão de serem acervos gratuitos e de fácil acesso que comportam uma expressiva quantidade de fontes históricas imagéticas.

Para este estudo, ambas as imagens foram escolhidas pelo padrão estético do indígena *imaginado* criadas em estúdios, as quais apresentam elementos materiais de estética para o comércio fortemente ligados à época. Por exemplo, os sujeitos fotografados foram representados com nudez, tornando o corpo um “palco” do exótico e condicionando os sujeitos à situação de selvagens, reforçando o estereótipo de inferiores a quem observa.

Nas diferentes camadas que a abordagem metodológica da imagem pode oferecer, ressaltamos o papel transformador da fotografia enquanto recurso didático, que torna o processo educativo mais eficiente e com maior qualidade. Assim, com a leitura semiótica e a sistematização da imagem, a metodologia setoriza a análise, determina problemas e mostra as especificidades do objeto de estudo. Neste conjunto de construção de sentidos causado pela prática metodológica, é possível perceber como a representação dos povos originários em fotografias do século XIX mostra uma concepção ideológica ligada à montagem e à encenação do sujeito no estúdio, uma violência à cultura e à identidade, aspecto da colonização.

Resultado

Atualmente, há muitas obras⁵ que sugerem a fotografia como mais um objeto da educação, capaz de desconstruir estigmas sociais do passado na visão étnica e antropológica, além de reafirmar o papel da imagem no compromisso da educação. Por isso, este trabalho não apenas produziu uma grande significação e valor para os estudos imagéticos da comunidade indígena, como também trouxe a intenção de legitimar o ato pedagógico na construção de novos saberes.

Na medida em que são propostos novos modelos interpretativos visuais na educação, temos como resultado que as imagens do passado podem ser decodificadas dentro de suas especificidades e repertórios, proporcionando uma experiência imersiva da dialética pois “o historiador procurar analisar aspectos da sociedade do passado a partir de elementos que a fotografia pode mostrar...” (Etcheverry, 2018, p. 170).

No que refere-se a esclarecer a representação dos povos originários dentro de uma cultural visual fortemente eurocêntrica, temos também como resultados propor um modelo interpretativo – Quem é a figura central da imagem? O sujeito foi devidamente nomeado? Os adornos e a roupagem sugerem a identidade e a cultura? Há elementos de distinção social? –, entendendo o indígena como sujeito de sua própria história. Ao olharmos o outro, como a nós

⁵ Sobre Fotografia e Educação, ver também as obras: “O ato fotográfico” (1994) de Philippe Dubois, “Sobre fotografia” (1977) de Susan Sontag e “História e Fotografia” (2007) de Maria Eliza Linhares Borges.

mesmos, partimos de uma leitura social que relaciona a identificação deste povo como sendo protagonista da nossa própria cultura, ou seja, nossos ancestrais.

Por fim, é fundamental a colocação da fotografia histórica como um problema a ser lapidado e decodificado para a construção do saber na educação entre o aluno e o professor. Como resultado, pretendemos também contribuir nas práticas pedagógicas em relação à relevância histórica e social das fontes imagéticas na vivência escolar, enfatizando a análise crítica e o domínio consciente da imagem em uma sociedade cada vez mais habituada ao universo digital.

Conclusão

Entre o nexos fotográfico e o processo de educação da linguagem visual, a leitura das fotografias dos povos originários do passado ainda é uma prática pequena nas academias e nas escolas, conforme sugere a produção existente deste conteúdo nos acervos e bibliotecas online. Com o propósito de elucidar e educar o olhar para as fotos do passado, este texto reforça a importância da fonte imagética como recurso didático e sugere como podemos decodificar a representação do dito *real*.

Trazendo consigo as marcas da temporalidade, a fotografia também tende a ser subjetiva na medida em que cada observador atribui a ela seu sentido moral. Entretanto, além do aspecto funcional da imagem no processo de aprendizagem, foi possível considerar que o autor, responsável pelo registro, estava munido de intenções por construir a imagem do indígena imaginado da segunda metade do século XIX, pois a prática de fotografar os povos originários em estúdio carrega elementos de montagem e encenação para atender o mercado estrangeiro da apreciação do *ditto* exótico e do racismo científico. Compreendemos também, durante a análise dos registros e das leituras das obras indicadas neste estudo, que a produção de registros fotográficos dos povos indígenas daquele período colabora com a ideia mecânica e experimental do outro, de caráter sensacionalista e violenta.

Referências

FERREZ, Marc. **Índios Bororo**. 1 mar. 1880. 1 fotografia, color. Disponível em:

https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:%C3%8Dndios_bororo.jpg. Acesso em: 28 jun. 2024.

FERREZ, Marc. **Menino Índio de Mato Grosso (Brasil)**. 1896. 1 fotografia, color. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Indian_boy.jpg. Acesso em: 28 jun. 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 340f. 1990. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 13. 2005.

MENESES, Ulpiano T. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, 2003.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. Notas sobre uma história da fotografia na América Latina. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 169-172, 2018.

TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 18, p. 191-223, 2011.